



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



O “FAZER HISTÓRIA” PARA O GRANDE PÚBLICO: HISTORIADORES E JORNALISTAS EM REVISTAS DE DIVULGAÇÃO HISTÓRICA

Fernando Perli¹

Resumo: No início do século XXI, revistas de história de ampla circulação foram produzidas no Brasil e alcançaram bancas, endereços de assinantes, bibliotecas públicas e instituições de ensino. Dentre várias publicações, podem-se mencionar as revistas *Aventuras na História*, *História Viva*, *Nossa História*, *Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN)* e *Leituras da História*. Sob perspectiva cultural ou de forte apelo comercial, projetos editoriais lançaram revistas com diferentes estatutos e abordagens da história, numa relação entre historiadores que defendiam a “escrita menos empolada” e jornalistas que publicavam “reportagens de história”. Nesta comunicação, propõe-se analisar, através de editoriais e seções específicas de revistas de história, o trato de historiadores e jornalistas com o problema da escrita para alcançar um público leitor mais amplo.

Palavras-chave: Revistas, divulgação histórica, historiadores, jornalistas.

As revistas de divulgação histórica se constituíram, ao longo do século XX e início do XXI, em produtos culturais relevantes na cultura histórica contemporânea. Embora a afirmação da ciência histórica tenha uma relação intrínseca com a divulgação científica através de livros e revistas acadêmicas, uma diversidade de meios de comunicação difundiu, nas últimas décadas, o conhecimento histórico ao público amplo.

Num vasto campo de produções de popularização do conhecimento histórico se situam as revistas de divulgação histórica, produzidas em vários países. Muitas compuseram empreendimentos de grandes editoras e grupos econômicos com altas tiragens e ampla circulação. Outras partiram de iniciativas e parcerias empresariais com tiragens e vendas medianas. Algumas surgiram de demandas do ambiente acadêmico, de acervos ou de instituições de ensino e de pesquisa.

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). E-mail: fernandoperli@ufgd.edu.br



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Em 2003, foram lançadas no mercado editorial brasileiro as revistas *Aventuras na História*, *História Viva* e *Nossa História*. Vendidas em bancas, livrarias e através de assinaturas, constituíram, para muitos historiadores e jornalistas, um “boom de revistas de história”, impulsionado por publicações posteriores, como a *Desvendando a História* (2004), a *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005), a *BrHistória* (2007), a *Leituras da História* (2007), a *BBC História* (2008), a *História em Curso* (2011), a *Caminhos da História* (2012), a *BBC History Brasil* (2014) e a *História em Foco* (2014).

A produção de revistas de divulgação histórica exigiu o envolvimento de diversos profissionais – como jornalistas, publicitários e historiadores – que elaboraram análises históricas combinadas com imagens, pesquisas, anúncios e editoriais (DE GROOT, 2008). Tais publicações pautaram-se entre os rigores metodológicos e as estratégias de vendas em busca de leitores consumidores.

Apesar das relações entre historiadores, jornalistas e outros profissionais terem conseguido êxito com publicações de centenas de edições de revistas de ampla circulação, não se deve descartar que tensões e sociabilidades marcaram um contexto de concorrência no mercado editorial, que pode ser mais bem compreendido a partir de um trabalho empírico atento ao extenso conteúdo dos materiais impressos.

O estudo detido das materialidades e das representações tecidas pelas revistas de história muito dirá sobre semelhanças, diferenças, grupos sociais e econômicos envolvidos nas produções, demonstrando leituras do passado que legitimam poderes e, ao mesmo tempo, procedimentos seletivos que evidenciam nuances da cultura histórica contemporânea.

Além disso, é possível identificar num conjunto de revistas um debate sobre a escrita da história, ainda que tratado de maneira breve neste texto. Assim, proponho apresentar um pouco do lugar ocupado por historiadores e jornalistas em duas revistas brasileiras, surgidas em 2003, com perfis editoriais mais distantes: a *Aventuras na História*, da Editora Abril, conhecida pelas altas vendas, e a revista *Nossa História*, da Editora Vera Cruz em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional.

A *Aventuras na História* é considerada uma das revistas de maior circulação do segmento de divulgação histórica no mercado editorial brasileiro. Idealizada a partir dos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



resultados de vendas de edições da revista *Superinteressante*, que traziam em suas capas assuntos de história, foi publicada pela Abril até 2014, quando comprada pela Editora Caras.

Com tiragem de 30 mil exemplares na primeira edição, a revista direcionou-se para um público-leitor amplo e trouxe temáticas com variedades de lugares e temporalidades. A Abril, entendida por editores concorrentes como uma “máquina de assinaturas”, devido à estrutura de produção e vendas, fez a *Aventuras na História* alcançar em alguns anos a marca de 72 mil exemplares mensais, com 50 mil assinantes, como observou o editor Alexandre Versignassi, em novembro de 2011 (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2011).

Em suas centenas de edições, a *Aventuras na História* ganhou popularidade nas bancas pelas capas com personagens, seções e ilustrações que flertaram com a ficção. Ao apostar em “reportagens de história” e no “ilustra-jornalismo”, tornou-se uma revista de jornalistas que escreveram matérias com base em entrevistas e referências bibliográficas de diversas áreas.

Exemplos dessas estratégias de produção podem ser encontrados em duas edições. Na estreia, o editor Celso Miranda tratou a história como “uma nave especial” e demonstrou muito do que viria pela frente, “uma aventura sem limites no espaço e no tempo” para “conhecer pessoas incríveis: bruxos, assassinos, semideuses e traidores” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2003). Dessa forma, as “reportagens de história” foram constituídas por biografias, tramas e acontecimentos históricos, tendo como base historiadores e jornalistas, apresentados como especialistas dos temas, ou entrevistas aos que vivenciaram assuntos abordados. As matérias, em sua maioria, apresentaram os responsáveis pelos textos, reportagens e design com linguagem de estilo jornalístico investigativo.

Noutra edição, de número 62, publicada em setembro de 2008, a redatora-chefe Patrícia Hargreaves esclareceu que a revista “desenvolveu um novo conceito, um novo jeito de mostrar cenas e personagens” através do que denominaram de “ilustra-jornalismo”, ilustrações produzidas através de pesquisas em livros, internet e especialistas, em que personagens, suas “peças de roupa, os tons das vestimentas, os calçados, os penteados, os



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



adornos”, resultaram “de apuração com historiadores e arqueólogos” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2008).

Com a proposta de tornar as ilustrações chamativas e agradáveis, o “ilustrajornalismo” apresentou capas com características que diferenciou a *Aventuras na História* de concorrentes brasileiras, mas que a aproximou de publicações congêneres estrangeiras. Muitas capas apresentaram personagens arraigados no imaginário popular – como Jesus Cristo, Alexandre, Che Guevara, Júlio César, Dom Pedro I e Getúlio Vargas – ou temas de popularidade – como religião, misticismo, antiguidade, comunismo e nazismo –, que agregaram leitores pelo anedótico, a curiosidade, a intriga, o mistério e o desvendamento de segredos da história.

Assim como outras revistas de história de ampla circulação, a elaboração da *Aventuras na História* se deu num campo em que se relevaram lugares ocupados por jornalistas na pesquisa histórica. Em sua produção chamou atenção a participação de profissionais que escreveram livros de temáticas históricas com altas vendas, como Laurentino Gomes e Leandro Narloch, elogiados nas páginas devido aos seus sucessos de vendas, o que sustentou a concepção de que boas publicações de história, incluindo-se a revista, eram as que vendiam mais.

Laurentino Gomes, por anos jornalista em redações da Abril, no início da *Aventuras na História* era diretor editorial e, após o sucesso de vendas de seu livro “1808” (2007), tornou-se colunista, entre 2008 e 2009, escrevendo matérias na seção *Brasilianas*, dedicada à temas de história do Brasil. Com o sucesso de vendas do seu segundo livro, “1822”(2010), a reportagem de capa da edição nº 89, de dezembro de 2010, foi escrita pelo jornalista com o título “O Dia do Vou: o que aconteceria se dom Pedro tivesse voltado para Portugal em 1822?” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2010).

Leandro Narloch, jornalista que publicou o “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil” (2009), trabalhou na revista *Superinteressante*, sendo colaborador e editor assistente nas primeiras edições da *Aventuras na História*. Ao publicar o “Guia Politicamente Incorreto da América Latina” (2011) com o jornalista Duda Teixeira, da revista *Veja*, assinou a reportagem de capa da edição nº 99, de outubro de 2011, que tratou do guia com o título “O lado escuro dos heróis” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2011).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Além desses escritores conhecidos no mercado editorial como *best-sellers* de história, na revista predominaram matérias assinadas por jornalistas. É importante observar que as produções bibliográficas que subsidiaram “reportagens de história”, embora diversificadas pelas especificidades de cada tema tratado nas edições, tornaram jornalistas referências para se compreender a história, como Elio Gaspari, considerado “autor da maior obra sobre a ditadura militar brasileira” (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2014), em páginas que historiadores acadêmicos pouco apareceram.

A relação da *Aventuras na História* com jornalistas *best-sellers* permite vislumbrar como a revista divulgou temas sensíveis da história, pois alguns editores e colaboradores escreveram livros criticados por historiadores acadêmicos por suas abordagens episódicas, factuais, pitorescas, anedóticas e até conservadoras, retrógradas e reacionárias (MALERBA, 2014). As características da revista instigam uma análise das edições para compreender como, ao longo de suas páginas, a configuração de um campo jornalístico abordou temas sensíveis, como escravidão e regimes ditatoriais.

No mesmo ano de lançamento da *Aventuras na História*, em 2003, surgiu a revista *Nossa História*. O projeto editorial foi lançado pela Editora Vera Cruz em parceria com a Fundação da Biblioteca Nacional (FBN). A proposta partiu do banqueiro Aloysio Faria, fundador do Grupo Alfa, com formação em medicina. O empresário abriu a editora para desenvolver um projeto de divulgação histórica que, em suas edições iniciais, alcançou tiragens mensais de 70 mil exemplares (MALIN, 2006).

A *Nossa História* arrebatou os que procuravam artigos de historiadores acadêmicos. Sua distribuição alcançou instituições escolares, mas a maior parte das vendas ocorreram em bancas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A iniciativa editorial, defendida pelo presidente da FBN, Pedro Corrêa do Lago, conseguiu reunir historiadores de universidades brasileiras e profissionais de outras áreas, aproximando história e jornalismo para divulgar o acervo da Biblioteca Nacional. Para Lago, o Brasil tinha um público interessado por história e o sucesso de livros escritos por jornalistas era prova disso (MACHADO, 2003).

Contudo, em um ano e meio, a *Nossa História* passou por uma crise, quando o Conselho de Pesquisa deixou a revista para formar o Conselho Editorial da *Revista de*



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



História da Biblioteca Nacional (RHBN). Em 38 edições, publicadas entre novembro de 2003 e dezembro de 2006, a revista perdeu espaço num mercado cada vez mais concorrido. A produção exigia pesquisas cuidadosas e profissionais qualificados para colocar nas bancas um produto que se assemelhava a um livro (MALIN, 2006), lido aos poucos sem envelhecer as informações.

Em sua primeira edição, na seção *Nosso Historiador*, chamou atenção o artigo escrito por José Murilo de Carvalho sobre os problemas da escrita, do ensino e da popularização da história. Ao tratar do papel do historiador para fazer a história alcançar o grande público, o texto se referiu ao médico e botânico bávaro Karl Friedrich Philipp von Martius, quando propôs o estudo “Como se deve escrever a História do Brasil” ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Com o sugestivo título “Martius e Nossa História”, Carvalho estabeleceu relações entre os desejos do naturalista de escrever para o povo no século XIX e os desafios da escrita da história no início do século XXI.

O estilo empolado e pedregoso dos historiadores pode justificar-se quando escrevemos para nós mesmos, não quando nos dirigimos ao grande público. E ao grande público precisamos nos dirigir. O escritor da história precisa do seu leitor, parceiro indispensável em fazer a história. Segue-se que precisa ser capaz de se comunicar com o grande público, sem abrir mão, bem entendido, da qualidade e da seriedade do seu trabalho (NOSSA HISTÓRIA, 2003).

As observações parecem fazer parte de um cenário em que historiadores debateram os altos índices de venda de livros de abordagem histórica escrita por jornalistas. O interesse pelo assunto gerou críticas em defesa do campo historiográfico, embora tenha predominado uma postura de conciliação em que jornalistas deveriam escrever com critérios metodológicos da história e historiadores precisariam de técnicas de escrita da comunicação social para alcançar públicos diversos e mais amplos que o círculo universitário.

Alguns historiadores, ao serem questionados sobre a escrita da história para o grande público saíram em defesa do diálogo entre historiadores e jornalistas. Marcos Silva, professor e historiador da USP, defendeu acabar com os preconceitos e fazer um diálogo necessário.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Os jornalistas devem levar os historiadores a desenvolver oratória e escrita mais acessível ao grande público, enquanto os acadêmicos de formação metódica podem auxiliar os formados em Comunicação Social em relação aos processos e procedimentos da pesquisa histórica (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012).

Conquanto Silva entendesse a importância da relação em benefício das áreas, não descartava a pertinência da separação dos dois ofícios quando o problema fosse o trato das fontes e da escrita da história, algo que se aproximou de uma delimitação proposta pela professora e historiadora da USP, Maria Ligia Coelho Prado, ao afirmar que o “historiador tem uma preocupação muito estabelecida com o tempo e o espaço”, pois o ofício de quem escreve a história acadêmica tem pré-requisitos, como a necessidade de explicitação de fontes, do detalhamento de notas de rodapé e dos diálogos com a bibliografia (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012).

Para a historiadora,

Um trabalho que se preocupe com tudo isso será mais difícil de ser lido do que a produção de um jornalista. Não que este não tenha qualidade. Mas o compromisso do jornalista com a história é diferente. (...) Para mim é óbvio que esse trabalho do jornalista vai ter mais apelo e maior facilidade para chegar ao grande público do que a pesquisa de um acadêmico preocupado com tantas questões que envolvem seu próprio ofício (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012).

Deve-se considerar que as revistas de divulgação histórica, assim como revistas que tratam de uma variedade de temas em diferentes áreas de conhecimento, “são empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que as tornam projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretendem difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2015). Não é demais ressaltar que, apesar de revistas de história de ampla circulação serem produzidas em lugares de sociabilidades através do engajamento de historiadores, jornalistas e inúmeros outros profissionais, o ambiente de produção foi marcado por trocas de experiências e tensões (PERLI, 2017).

A diferença do compromisso com a escrita da história pode ser percebida nas distinções de perfis de revistas de divulgação histórica, por representarem projetos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



editoriais em que se engajaram e predominaram jornalistas e historiadores. A questão pareceu refletir um diálogo entre profissionais da história, do jornalismo e de outras áreas na produção da revista *Nossa História*. A editora Cristiane Costa esclareceu que o processo de preparação de revistas que se assemelhavam quase a livros era “longo, lento e minucioso” (MALIN, 2006).

Os artigos eram encomendados ou sugeridos. O percurso de um texto, desde sua chegada até a publicação, demandava tempo e uma série de etapas de produção. Ao chegar, passava por uma equipe de historiadores que apontava falhas de informações ou sugeriam inclusões. Depois, retornava para o autor, que analisava e devolvia com ajustes e complementações. Assim, ia para a reunião de pauta, quando editores decidiam pela publicação ou não. Sendo pautados de acordo com a distribuição de temas de história do Brasil, eram direcionados para os redatores que retrabalhavam o texto, reescrevendo para retornar ao autor aprovar, ou não, ou sugerir mudanças.

Nesse percurso, muitos historiadores questionaram a reescrita de textos, em sua maioria, feita por jornalistas. Objeções e relutâncias foram constatadas quanto às mudanças, equívocos no trabalho de síntese e de adequações para alcançar um público diverso, leigo e diletante de história. Por fim, ao ser preparado, o texto era novamente devolvido para o autor dar a aprovação final. A partir daí iniciava-se um processo de pesquisa iconográfica que levava até um mês (MALIN, 2006).

Editor da *Nossa História*, entre 2003 e 2005, o professor e historiador da UFF, Luciano Figueiredo, ao ser questionado sobre a relação entre historiadores e jornalistas na produção da escrita da história, manifestou se tratar de “uma convivência carregada de tensões, mas necessária”, pois embora jornalistas escrevessem história “para o público não especializado, embalados por um aguçado senso de oportunidade e gosto por episódios e personagens do passado”, ao produzirem bons textos jornalísticos poderiam proporcionar aos historiadores o benefício “da boa, ritmada e irresistível narrativa” (RIBEIRO; AMOROSO, 2010).

Além da relação entre historiadores e jornalistas na produção de um produto cultural de divulgação histórica, o exemplo da *Nossa História* possibilita, num primeiro momento, compreender que o “fazer da história” era um processo demorado, que exigia



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



cronograma, escalonamento de várias publicações e o envolvimento de diversos profissionais, em ambientes de fronteiras, conciliações e tensões entre áreas de conhecimento.

Experiências deste tipo colocam para o debate algumas questões: seriam os lugares de produções de revistas de divulgação histórica pontos de encontro de diversos conhecimentos que se fazem na história pública? Em que medida as histórias de revistas do gênero podem contribuir para um debate sobre a divulgação histórica na história pública, num tempo presente em que cada vez mais os impressos perdem espaço para ambientes virtuais, com profissionais que se dedicam à produção de *sites* especializados, *podcasts* e canais de compartilhamento de vídeos, que dão outras dimensões ao público amplo e diverso de história?

A partir de questões como essas, o estudo da divulgação histórica, ao propor a análise da difusão de representações do passado que constituem a cultura histórica contemporânea, torna-se um campo de combate pela história. As centenas de edições de revistas de história que marcaram o início do século XXI no Brasil serão mais bem compreendidas a partir de um trabalho que se atente para os agentes sociais, econômicos, culturais e políticos que, ao interpretarem, divulgarem e fazerem usos de posições sobre a história, dizem muito sobre suas relações de poder.

Referências

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 1, 2003.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 12, 2004.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 62, 2008.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 89, 2010.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 99, 2011.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 100, 2011.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo: Abril S/A, nº 127, 2014.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CAMPREGHERE, Ana Luiza; LIPPE, Pedro Henrique Lutti. **História contada por jornalistas**. Ipea – Desafios do Desenvolvimento, Brasília, ano IX, nº 75, p. 48 – 54, 2012.

DE GROOT, Jerome. **Consuming history: historians and heritage in contemporary popular culture**. London / New York, Routledge, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 111-153.

MACHADO, Cassiano Elek. Biblioteca Nacional passa história do país em revista. In. **Folha de São Paulo**, 17/11/2003. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1711200309.htm> >. Acesso em: 15/10/2016.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MALIN, Mauro. O banqueiro e a História. In. **Observatório da Imprensa**, 18/10/2006. Disponível em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/o-banqueiro-e-a-historia/> >. Acesso em: 19/6/2017.

NOSSA HISTÓRIA. Rio de Janeiro: FBN/Vera Cruz, nº 1, 2003.

PERLI, Fernando. “E ao grande público precisamos nos dirigir”: historiadores e jornalistas em revistas de divulgação histórica. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**. Brasília, 2017.

RIBEIRO, Andrea; AMOROSO, Mauro. Entrevista com Luciano Raposo de Almeida Figueiredo. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, p. 94-100, 2010.